

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LILIAN ALVES SCHMITT

**O AMBIENTE NA TELA: PERSPECTIVAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM
PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DO CIRCUITO TELA VERDE**

Porto Alegre
Julho/2017

LILIAN ALVES SCHMITT

**O AMBIENTE NA TELA: PERSPECTIVAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM
PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DO CIRCUITO TELA VERDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Faculdade de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloisa Junqueira

Porto Alegre
Julho/2017

*“Mas o que salva a humanidade
É que não há quem cure a curiosidade”
(Salva a Humanidade – Tom Zé)*

AGRADECIMENTOS

Aos que passaram deixando o caminho florido.

Aos que deram passagem para que eu pudesse florir caminhos também.

Sou repleta de gente...

E por isso agradeço:

À Deus, pela força que me garante pensar que *“amanhã vai ser outro dia”*...

À família, pela oração/bênção constante.

Ao Cássio, pelo amor.

Aos professores Heloisa Junqueira, Russel Teresinha, Luciano Bedin e Leandro Pinheiro, pela sabedoria e generosidade inspiradoras.

Às políticas públicas, que fazem os “ninguéns” de Galeano acessarem a universidade.

Agradeço aos amigos camaradas Tiago Ferraz, Gabriela Peruffo e Bibiana Oliveira Espindola pelas “queridezas” de sempre.

Aos membros da banca, Cassiano Pamplona e Eunice Kindel, pelo aceite e acolhida.

Muito obrigada!

Sou profundamente grata a vocês.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender e discutir as perspectivas de Educação Ambiental apresentadas por um conjunto de materiais distribuídos pelo Ministério do Meio Ambiente, produções audiovisuais do Circuito Tela Verde, a partir de uma noção crítica e reflexiva. O Circuito Tela Verde (CTV) é uma iniciativa do Departamento de Educação Ambiental da Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, que se realiza em parceria com a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura. O Circuito promove regularmente a Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente, que reúne vídeos com conteúdo socioambiental a serem exibidos em todo território nacional através de inscrições por editais públicos. Pensando no cinema como estratégia pedagógica potente na prática em Educação Ambiental, este trabalho apresenta questionamentos acerca das concepções de Educação Ambiental presentes no argumento das produções audiovisuais da 7ª Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente – Circuito Tela Verde, tendo como objetivo geral problematizar essas perspectivas. Das 37 produções que compõe a 7ª Edição do Circuito, foram analisadas as 25 disponíveis na base de compartilhamento de vídeos *Youtube*, disponibilizadas no canal MMA – mmeioambiente, da *playlist* intitulada “7ª Mostra Circuito Tela Verde – 2016”. Inspirou a análise das produções o método de análise de conteúdo de Bardin (1977). Entre os instrumentos propostos pela referida metodologia, foi utilizada a análise categorial, buscando-se identificar no conteúdo dos materiais (transcrições de trechos e cenas dos vídeos) concepções de Educação Ambiental ali predominantes. Em relação às concepções/correntes de Educação Ambiental, as categorias que emergiram a partir da leitura hermenêutica das produções foram: Educação Ambiental Naturalista-Conservadora, Educação Ambiental Normativa e Educação Ambiental Crítico-Reflexiva. Dos filmes analisados, onze (11) deles foram classificados na perspectiva Crítico-Reflexiva, seis (6) deles na perspectiva Normativa e oito (8) deles na perspectiva Naturalista-Conservadora. O diálogo entre as diferentes abordagens em Educação Ambiental é fundamental para que as práticas do campo sejam reflexivas, não cristalizadas. E para isso, é preciso que os fundamentos das diferentes abordagens sejam compreendidos, apropriados e divulgados, tarefa que este trabalho procurou timidamente estimular.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Audiovisual; Circuito Tela Verde.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	12
2.1 CIRCUITO TELA VERDE – HISTÓRIA E OBJETIVOS	13
3 CRIANDO CAMINHOS, ESTABELECENDO PONTES: PERCURSO METODOLÓGICO	15
3.1 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	17
4 PERSPECTIVAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O QUE SUGEREM AS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS?	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXO – Fichas técnicas e sinopses dos vídeos	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de uma necessidade: a necessidade de uma educadora que buscava recursos outros, tais como vídeos, para trabalhar a Educação Ambiental em suas atividades. Um dia ela se depara com o Material da 7ª Mostra do Circuito Tela Verde, do Ministério do Meio Ambiente, e pensa que é preciso pensar sobre o que está ali naquelas falas, naquelas cenas, naqueles recortes... Nasce então a proposta de pesquisa que agora já é Trabalho de Conclusão de Curso.

Este trabalho busca mostrar o que foi construído a partir de questionamentos acerca de recursos pedagógicos específicos em Educação Ambiental e seu potencial educativo. Trilha um caminho cujo objetivo é compreender e discutir as perspectivas de Educação Ambiental apresentadas por um conjunto de materiais distribuídos pelo Ministério do Meio Ambiente, produções audiovisuais do Circuito Tela Verde, a partir de uma noção crítica e reflexiva. Proponho neste trabalho a tentativa de desnaturalizar o que se entende por “Educação Ambiental”, refletindo sobre o caráter polissêmico e plural desse campo.

Esse tema tem como motivação as inquietudes geradas no meu percurso de estudante da Licenciatura em Ciências Biológicas, bem como as experiências profissionais como educadora ambiental em diferentes espaços formativos. A partir desta empiria, vivenciei diferentes sentidos e expressões do fazer em Educação Ambiental. E, buscando deslocar ainda mais os entendimentos sobre as perspectivas teóricas desse campo, apresento este trabalho de conclusão. As diferentes vivências profissionais, das quais destaco o trabalho no Projeto Escola Sustentável e a atuação como tutora de um curso de aperfeiçoamento em Educação Ambiental, voltado a professores da rede pública, me levaram a delinear a escrita dessa pesquisa, e a pensar em diferentes formas de trabalhar empírica e teoricamente o tema da Educação Ambiental.

Inspirando-me nas questões que se configuraram ao longo de minha história, tanto pessoal quanto profissional, lanço-me nesta pesquisa problematizando as diferentes perspectivas de Educação Ambiental que compõem a construção das produções audiovisuais do Circuito Tela Verde. Ao longo de meu percurso

profissional, na posição de educadora ambiental, atuando com diferentes públicos e faixas etárias (crianças, jovens, adultos/professores) e também no meu percurso acadêmico, percebi que a ideia de Educação Ambiental que circula majoritariamente no “senso comum” por assim dizer, é ainda a de uma prática conservadora, de caráter comportamental. Como elucida Carvalho (2001 p. 48), a vertente comportamental da Educação Ambiental vai tomar para si o desafio das mudanças de comportamento em relação ao meio ambiente baseando-se na matriz conceitual apoiada na psicopedagogia comportamental. Essa matriz, por sua vez, “partilha de uma visão particular do que seja o processo educativo, a produção de conhecimentos e a formação dos sujeitos.” Nessa abordagem, ainda segundo Carvalho (2001, p. 48), há um silêncio acerca da “produção social dos problemas ecológicos e, decorrente disto, sua tendência a culpabilizar os indivíduos como se todos fossem igualmente responsáveis pelos efeitos da degradação ambiental”.

No senso comum, a Educação Ambiental é ainda aquela disciplina-não-disciplina que nos ensina, de modo normativo, algumas questões que se relacionam às expressões “*separação do lixo*”, “*reciclagem*”, “*preservação da natureza*”, e “*conscientização ambiental*”.

Sauvé (2016) afirma que a Educação Ambiental nos desafia a pensar sobre questões vivas, ela responde a questões maiores e nos possibilita a aprender a reabitar nossos meios de vida coletivamente e com responsabilidade, em função dos valores que pode promover. Esses valores podem estar ligados ao “aprender a viver junto”, junto entre nós humanos e junto com outras formas de vida que compõem o ambiente conosco. Ainda como enfatiza a autora “de uma cultura do consumismo e da acumulação, impulsionada por ideias pré-fabricadas, ela pode nos levar a uma cultura do pertencimento, do engajamento crítico, da resistência, da resiliência e da solidariedade” (SAUVÉ, 2016, p.291). Estudar as concepções de Educação Ambiental é ampliar a prática, criar condições de possibilidade para uma fuga do lugar comum, o lugar normativo, ditador de comportamentos.

Faz-se necessário pontuar que a categorização das perspectivas e práticas em Educação Ambiental vem sendo discutida por diversos autores, pois se sabe que não é possível mais falar de uma Educação Ambiental única, ou como afirma Loureiro (2012 p.13), “conjugada no singular”. Elenco a seguir as discussões feitas por alguns desses autores sobre essas perspectivas.

Loureiro (2012), ao tratar da importância da distinção entre as propostas em Educação Ambiental distinguirá o campo entre práticas conservadoras/ tradicionais, aquelas focadas na transmissão de normas e valores sobre o que é “ecologicamente correto”, e emancipatórias/transformadoras, práticas que envolvem as dimensões sociais, econômicas, políticas e ideológicas na discussão dos problemas socioambientais.

No artigo “*Qual Educação Ambiental?*”, Carvalho (2001) discute duas principais perspectivas: a Educação Ambiental Comportamental, focada na internalização de comportamentos, e a Educação Ambiental Popular, que compreende o processo educativo como um ato político no sentido amplo.

Ainda entre autores nacionais, Sorrentino (1998) estabelece a partir da observação do campo da Educação Ambiental quatro grandes correntes: a) conservacionista (que tem como foco a divulgação dos impactos sobre a natureza causados pelos atuais modelos de desenvolvimento); b) educação ao ar livre (que reúne como adeptos naturalistas, escoteiros e participantes de grupos de espeleologia, caminhadas, montanhismo, acampamentos e outras modalidades de esportes e lazer junto à natureza); c) gestão ambiental (tendo como característica os embates contra a poluição e outros impactos do capitalismo, bem como os movimentos por liberdades democráticas que reivindicavam a participação da população na administração dos espaços públicos e nas definições do futuro); e d) economia ecológica (abordagem que segundo o autor compreende duas subcategorias: “desenvolvimento sustentável”, que aglutina empresários, governantes e uma parcela das organizações não governamentais; e “sociedades sustentáveis”, aglutinando aqueles que fazem oposição ao atual modelo de desenvolvimento e que acreditam que a primeira corrente é só uma nova “cara” para a manutenção do “*status quo*”).

Na tentativa de também propor uma diferenciação das concepções teóricas do campo, Guimarães (2004) destaca e caracteriza duas grandes correntes em Educação Ambiental: a Conservadora e a Crítica. A primeira, segundo o autor,

se alicerça nessa visão de mundo que fragmenta a realidade, simplificando e reduzindo-a, perdendo a riqueza e a diversidade da relação. Centrada na parte vela a totalidade em suas complexas relações, como na máquina fotográfica que ao focarmos em uma parte desfocamos a paisagem. Isso

produz uma prática pedagógica objetivada no indivíduo (na parte) e na transformação de seu comportamento (educação individualista e comportamentalista) (GUIMARÃES, 2004 p.26).

Em contraponto, a Educação Ambiental Crítica para o autor (2004, p.30) tem como objetivo promover a mobilização de processos de intervenção sobre a realidade, promovendo por meio da cidadania ativa a transformação da crise socioambiental que vivenciamos.

No conhecido texto *“Uma cartografia das correntes em educação ambiental”*, Sauvé (2005) sistematiza cerca de 15 correntes em Educa o Ambiental: correntes com longa tradi o no campo – tais como a naturalista, a conservacionista/recursista, a resolutiva, a sist mica, a científica, a humanista e a moral/ tica – e correntes mais recentes no campo – tais como a holística, a biorregionalista, a prática, a crítica, a feminista, a etnográfica, a de eco-educacão e a de sustentabilidade. Os enfoques dessas perspectivas são desenvolvidos de forma detalhada pela autora no trabalho.

Haja visto o exposto,   possível perceber que no campo teórico da Educa o Ambiental não existe consenso sobre as concep es/identidades/correntes que atravessam as suas práticas. Questionando a ideia de um único modo de fazer Educa o Ambiental, chamo a aten o para as possíveis diferentes matrizes teórico-pedagógicas que compõem os vídeos veiculados pela Mostra Circuito Tela Verde.

Por meio da discussão possibilitada nesse trabalho, essas matrizes podem orientar e fundar diferentes propostas de ensino. O exercício de análise aqui proposto se funda no entendimento de que todo material pedagógico tem uma filia o teórica e serve a uma inten o política. O exercício de análise de material didático, no caso desse trabalho, produ es audiovisuais do Circuito Tela Verde, se faz necessário a qualquer educador que queira se comprometer com uma prática consciente e emancipatória.

O Circuito Tela Verde (CTV)   uma iniciativa do Departamento de Educa o Ambiental da Secretaria de Articula o Institucional e Cidadania Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, que se realiza em parceria com a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura. O Circuito Tela Verde promove regularmente a

Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente, que reúne vídeos com conteúdo socioambiental a serem exibidos em todo território nacional através de inscrições por editais públicos.

Pensando no cinema como estratégia pedagógica potente na prática em Educação Ambiental, este trabalho visa apresentar questionamentos acerca das concepções de Educação Ambiental presentes no argumento das produções audiovisuais da 7ª Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente – Circuito Tela Verde, tendo como objetivo geral problematizar essas perspectivas.

Partindo tanto da experiência profissional da autora como do vivido no âmbito das disciplinas de Estágio de Docência em Ciências e em Biologia, componentes do currículo do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi possível perceber que no âmbito da escola, o trabalho em Educação Ambiental assume um lugar de marginalidade tanto no espaço que ocupa no currículo, quanto na forma como é apresentado. Faz-se necessário pensar pontes entre diferentes linguagens no trabalho em Educação Ambiental e ao mesmo tempo problematizar as noções conceituais que operam nos instrumentos pedagógicos que auxiliam essa prática. Nesse sentido, essa pesquisa pode contribuir tanto pela divulgação das ferramentas as quais analisa, quanto pela problematização dos conceitos de Educação Ambiental apresentados por essas ferramentas.

Considerando que o objeto de estudo desta pesquisa é o conjunto das produções de audiovisual da 7ª Edição do Circuito Tela Verde do Ministério do Meio Ambiente, em seus diferentes gêneros, o objetivo central desta investigação consiste em problematizar as perspectivas de Educação Ambiental presentes nessas produções, identificando conceitos-chave que operam nos vídeos e que os aproximam de uma ou outra filiação teórica. Como objetivos específicos deste trabalho, destaco:

- (i) Identificar perspectivas/correntes de Educação Ambiental presentes nos vídeos e sinopses dos mesmos bem como a visão de ambiente possivelmente expressa;
- (ii) discutir as potencialidades de produções audiovisuais enquanto ferramenta em Educação Ambiental;
- (iii) divulgar e estimular o uso das produções audiovisuais do CTV.

2 AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

“As artes também se revelam uma janela para descobrir um mundo inacabado, ávido de transformações e de memórias para projetar futuros.” (FRESQUET, 2013, p. 9)

A potência educativa da Iniciativa “Circuito Tela Verde” parece abranger três diferentes esferas/momentos de aprendizagem. A primeira delas ocorrendo na produção dos vídeos, os quais podem ser produzidos em escolas, centros comunitários e outras organizações, contando com a “mão de obra” de alunos, trabalhadores diretamente envolvidos em determinada realidade ambiental discutida. Essa dimensão do fazer/construir pode promover o aprendizado por meio da experimentação, do deslocamento do olhar, das reflexões sobre os conteúdos e também a ampliação do repertório tanto técnico quanto teórico desses sujeitos produtores-criadores, o que também se torna uma maneira de valorizar os novos modos de expressão e também a participação social, visto que a produção audiovisual que era considerada, há pouco tempo, espaço de poucos, sofreu um alargamento em virtude do acesso a celulares, câmeras e outras tecnologias (GUIA VÍDEO NA ESCOLA, 2016). A segunda esfera de aprendizagem parece ocorrer quando no momento da exibição da produção, na interação individual dos sujeitos com as obras, através da possível experiência estética proporcionada. Esse diálogo vivo que pode ocorrer entre obra e espectador, no momento de fruição é também espaço de aprendizagem. O terceiro momento de aprendizagem parece apontar para a interação coletiva a partir dos espaços de debates proporcionados pelos momentos de exibição, onde os sentidos são negociados, as ideias podem ser debatidas e as questões ambientais transpostas para o contexto onde se dá a exibição.

Apesar de não ser o foco deste trabalho pensar o potencial educativo das produções em cada uma dessas esferas, o entendimento de que as produções visuais podem propiciar aprendizagens diferenciadas das que comumente acontecem no espaço escolar, compreendem a justificativa e orientam a escolha do objeto de pesquisa aqui apresentado.

2.1 CIRCUITO TELA VERDE – HISTÓRIA E OBJETIVOS

Na tentativa de localizar o leitor no que se refere ao percurso da iniciativa do Circuito Tela Verde, esta seção tem como objetivo fazer alguns destaques em relação ao surgimento da Mostra e seus objetivos no que tange à Educação Ambiental.

O Circuito Tela Verde iniciou sua trajetória em 2009, na ocasião da primeira Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente. Desde então, ocorreram sete edições, o que significa um total de 322 vídeos apresentados em relação à temática socioambiental, projetados em mais de 8.734 espaços exibidores cadastrados (MMA, 2016).



Figura I – Cronologia das produções do Circuito Tela Verde (Fonte: MMA).

Baseando-se na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que entende a Educação Ambiental como “processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente” (BRASIL, 1999. Art. 1º), o circuito Tela Verde dá visibilidade à produção audiovisual e também à Educação Ambiental, na tentativa de alargar o debate e a crítica acerca das realidades socioambientais de nosso país.

Tendo como objetivo divulgar e estimular atividades de educação ambiental, participação e mobilização social por meio da produção independente audiovisual, bem como atender a demanda de espaços educadores por materiais pedagógicos multimídias, a iniciativa do Circuito Tela Verde procura atender às demandas de inúmeras instituições que buscam, no Ministério do Meio Ambiente, materiais que subsidiem suas ações de Educação Ambiental (MMA, 2016).

O Circuito Tela Verde incentiva à produção audiovisual independente, ou seja, qualquer pessoa pode ser um produtor de vídeo e participar das chamadas públicas referentes ao Circuito. Podem produzir e encaminhar vídeos para a Mostra: pessoa física, sem vínculo com instituições; escolas; redes de meio ambiente e educação ambiental; estruturas educadoras; sociedade civil organizada; comunidades; produtoras e afins (MMA, 2016). Os vídeos podem ser produções fílmicas de gêneros diversos tais como curtas, vinhetas, animações, documentários. Para a produção dos mesmos, qualquer tipo de recurso é aceito: filmadoras, câmeras de celular, câmera digital ou qualquer outro material que capture imagem e som. Os vídeos selecionados passam então a fazer parte de um kit composto por um manual de organização da mostra (passo a passo), sinopses dos filmes, cartaz e adesivo para identificação dos espaços exibidores e DVD's, contendo os vídeos. Esse material, segundo o site do Ministério do Meio Ambiente é distribuído para todos os espaços exibidores cadastrados e distribuídos pelo Brasil.

3 CRIANDO CAMINHOS, ESTABELECENDO PONTES: PERCURSO METODOLÓGICO

Apresento o percurso metodológico adotado por esta pesquisa. O presente trabalho possui uma abordagem qualitativa, e utilizou-se da pesquisa documental (produções audiovisuais e sinopses dos filmes) e da pesquisa teórica para buscar atingir os objetivos anteriormente descritos. Creswell (2010) destaca que a pesquisa qualitativa se caracteriza por ser uma pesquisa fundamentada na interpretação do pesquisador. E é a partir da interpretação dessa aluna-pesquisadora, baseada no referencial teórico, e a partir dos objetos de estudo (filmes da mostra), que foram observadas e problematizadas as concepções de Educação Ambiental concernentes ao material pesquisado.

Das 37 produções que compõe a 7ª Edição do Circuito Tela Verde, foram analisadas aquelas disponíveis na base de compartilhamento de vídeos Youtube, disponibilizadas no canal MMA – mmeioambiente¹, da playlist intitulada “7ª Mostra Circuito Tela Verde – 2016”. Apesar de a totalidade vídeos estar disponível pela plataforma Vídeo Camp², esta requer que seja agendada uma exibição para que os vídeos sejam posteriormente disponibilizados. Para que se possa fazer o acesso aos vídeos pela *Vídeo Camp*, é necessário um cadastramento e agendamento de exibição, dessa forma a liberação da obra só pode ser feita mediante solicitação que será analisada, o que dificulta o acesso. Tendo em vista essas questões, optou-se então por utilizar as obras disponibilizadas livremente no canal do *Youtube*, as quais podem ser acessadas por qualquer cidadão com acesso a computador e à internet sem maiores dificuldades.

Na *playlist* “7ª Mostra Circuito Tela Verde – 2016” do canal do Youtube, até junho de 2017, estavam disponíveis 25 vídeos, os quais compõem o *corpus* de análise desta pesquisa.

Faz-se necessário enfatizar que ao pensar este trabalho, não tivemos o foco de apontar verdades e caminhos únicos para pensar a Educação Ambiental nos materiais analisados. Tivemos, no entanto, a pretensão de deslocar o olhar para o

¹ Link - https://www.youtube.com/playlist?list=PL1x_JPbKGmcxhZy-pmnNHOsHpOEp5KUW8

² Link - <http://www.videocamp.com/pt>

significado que a Educação Ambiental assume dentro das produções audiovisuais e assim discutir as perspectivas levantadas pelas produções, desnaturalizando conceitos e problematizando o papel desse campo dentro do contexto complexo vivido em sociedade.

A partir dos dados coletados nas produções audiovisuais e da transformação destes em resultados, através de categorias de análise que se definem como “categorias emergentes”, desenvolveu-se uma análise qualitativa das produções audiovisuais, veiculadas publicamente no sitio do CTV/MMA. Esta análise teve como foco uma abordagem interpretativa dos dados à luz de leituras voltadas ao campo da Educação Ambiental. A análise dos dados obtidos buscou a compreensão dos sentidos existentes no observado, renunciando a um método estruturado, partindo da intenção de evitar uma standardização dos procedimentos de análise a partir da noção de que a pesquisa qualitativa pode seguir uma metodologia artesanal e não por isso menos rigorosa. Ainda assim se faz necessário destacar que inspirou a análise das produções o método de análise de conteúdo de Bardin (2011). Entre os instrumentos propostos pela referida metodologia, foi utilizada a análise categorial, buscando-se identificar no conteúdo dos materiais (transcrições de trechos e cenas dos vídeos) concepções de Educação Ambiental ali predominantes.

Como técnica usual para análise no campo das produções audiovisuais, destaca-se a análise fílmica³, que, para além do discurso, se detém em questões técnicas referentes ao campo. Não sendo esse o objetivo da autora, a análise fílmica foi mantida em relação a sua dimensão interpretativa, não sendo desse modo enfatizadas as questões técnicas das produções por fugirem da competência da autora.

Analisar um filme, segundo Vanoye (2012 p.14) “é despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem a ‘olho nu’, uma vez que o filme é tomado pela totalidade”. Nesse sentido caminhou a análise nesse trabalho, cada produção foi assistida e a *posteriori* destacas cenas e falas (ver tabelas II, III e IV). Desconstruindo as produções, se pode obter um

³ A análise fílmica é objeto central do livro “Ensaio sobre Análise Fílmica”, de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, listado nas referências do trabalho.

conjunto de elementos, palavras-chave, que posteriormente foram re(ligados) para que se pudesse compreender o que esses versavam sobre Educação Ambiental.

Como afirma Vanoye (2012 p.15) essa reconstrução é também uma “criação”, pois o “analista traz algo ao filme; por sua atividade, à sua maneira, faz com que o filme exista”. Ainda segundo os autores, o texto fílmico é impossível de ser encontrado, pois além de todos os quesitos sonoros e imagéticos que apresenta, há também uma dimensão interpretativa, que está ligada ao seu expectador.

3.1 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Por tratar-se de uma pesquisa documental, que analisa produções audiovisuais veiculadas publicamente no sítio do Ministério do Meio Ambiente, e por excluir observações, entrevistas e questionários e outras estratégias metodológicas que abrangem diretamente sujeitos de pesquisa, o presente trabalho não necessitou de um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” ou de cartas de aceite institucionais. Como as produções fílmicas foram desenvolvidas justamente para usufruto público, seja para projetos de Educação Ambiental ou pesquisas, o cuidado se restringiu, nesse sentido, a questões de citação das produções e preservação do conteúdo veiculado em cada uma.

4 PERSPECTIVAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O QUE SUGEREM AS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS?

“Parto da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e as palavras fazem coisas conosco” (Jorge Larrosa Bondía)

Os resultados desse trabalho se referem à caracterização dos vídeos da 7ªMostra do Circuito Tela Verde. Essa mostra, realizada em 2016, contou com 37 vídeos, dos quais foram analisados aqueles disponíveis na playlist do Ministério do Meio Ambiente no sítio *Youtube*, que somam um total de 25 vídeos.

Os vídeos analisados totalizam aproximadamente 5h e17min de duração e abordam diferentes temas ambientais, abrangendo as seguintes categorias, segundo classificação do Ministério do Meio Ambiente: Grandes empreendimentos, Biodiversidade, Animação, Saneamento Básico, Recursos Hídricos, Ações e Projetos de Educadores Ambientais, Parceria Vila Sésamo, Resíduos Sólidos, Unidades de Conservação e Ecoturismo. O enfoque dado aos vídeos compreende a problematização de temas referentes às categorias, campanhas, documentários produzidos por escolas e registros de ações socioambientais. Apresento a seguir a listagem dos nomes e respectivos gêneros das produções que compõem o universo da pesquisa. As fichas técnicas encontram-se nos anexos do trabalho.

Tabela I – Relação de produções audiovisuais analisadas

Título	Gênero
Bailarina do Lagomar /Espelho D'água	Documentário
Cerrado - Berço das Águas do Brasil	Documentário
De barriga cheia	Animação
Amamos Butiá	Documentário
Diretas Já	Documentário

DO Alerta	Ficção
Enrolados	Animação
Educação para a redução de desastres associados a deslizamentos de terra	Documentário
Evite Picadas	Animação
Nascentes	Ficção
FlashMob UNB	Documentário
Grutas de Salitre	Documentário
Lapinha para sempre	Documentário
Naturalmente ambiental	Documentário
O engenheiro da terra	Documentário
Paraíso Esgotado	Documentário
Parque Estadual do Sumidouro agindo localmente... Memórias de colaboradores moradores do entorno	Documentário
Peruaçu	Documentário
Prêmio Mandacaru. Projetos e práticas inovadoras em acesso à água e convivência com o semiárido	Documentário
Programa Cooperação Cisternas BRA 007-B	Documentário
Projeto de Diagnóstico da Cadeia Produtiva do Sururu na Lagoa Mundaú em Maceió-AL	Documentário
Rodeio, de que lado você está?	Documentário
Toriline o espantalho marinho	Animação
Que se lixe o lixo	Documentário
Terra do Meio	Documentário

Nogueira (2010, p.3) define os gêneros das produções audiovisuais como “uma categoria classificativa que permite estabelecer relações de semelhança ou identidade entre as diversas obras”. Como é possível observar na tabela, os filmes analisados compreendem os gêneros documentário (19 produções), animação (4 produções) e ficção (2 produções). Segundo Nogueira (2010 p.6), o gênero

documentário “tem como objetivo fundamental o testemunho e a reflexão sobre a realidade, partindo desta”. Já a animação, segundo o autor, “assegura à imaginação um papel absolutamente fulcral no seu processo criativo e na sua pluralidade estética”. A ficção por sua vez “tem como objetivo essencial o entretenimento e que assenta formalmente na narrativa”. Embora a categoria gênero não seja central para as análises desse trabalho, se faz importante diferenciá-las brevemente por que os gêneros podem influenciar a forma como se desenvolve o argumento (as linhas gerais do que é tratado) em cada produção.

Tendo como base as concepções e categorizações já apresentadas por outros autores, as quais foram desenvolvidas na introdução desse trabalho, opto por estabelecer tipologias próprias, as quais emergiram do processo de leitura e interpretação de cenas e falas transcritas das produções bem como da análise das sinopses. As contribuições teóricas de diversos autores, obviamente, são incorporadas de modo indireto na emergência dessas categorias.

Em relação às concepções/correntes de Educação Ambiental, as categorias que emergiram a partir da leitura hermenêutica das produções foram: Educação Ambiental Naturalista-Conservadora, Educação Ambiental Normativa e Educação Ambiental Crítico-Reflexiva. Dos filmes analisados, onze (11) deles foram classificados na perspectiva Crítico-Reflexiva, seis (6) deles na perspectiva Normativa e oito (8) deles na perspectiva Naturalista-Conservadora.

A categoria *Educação Ambiental Naturalista-Conservadora* (Tabela II) parte das práticas preservacionistas historicamente relacionadas ao surgimento do movimento ambientalista. Essa corrente apresentaria um ideário romântico que segundo Pelicioni (2005), foi inspiração para o movimento preservacionista do final do século XIX. A característica principal dessa abordagem é o destaque para a proteção do mundo natural, este apartado do ser humano, considerado majoritariamente como “vilão”. A ênfase nos problemas ambientais aparentes prevalece e as causas sociais e políticas não são discutidas. Como palavras chaves indicadoras podem ser destacadas: natureza intocada, ideal romântico, aprendizagem com a natureza, preservação, proteção, catastrofismo, destruição, ameaça.

Tabela II – Análises referente à categoria Educação Ambiental *Naturalista Conservadora*

Título	Cenas/Transcrições dos vídeos	Palavras-chave
<p style="text-align: center;">Cerrado – Berço das Águas do Brasil</p>	<p>Importância do Cerrado para o Brasil:</p> <p><i>“Sem o cerrado pode faltar água e energia no Brasil.”</i></p> <p><i>“A qualidade de vida de bilhões de brasileiros está ligada ao cerrado.”</i></p> <p>O Cerrado ameaçado:</p> <p><i>“O cerrado é um dos Biomas mais degradados do mundo...”</i></p> <p><i>“Em 40 anos o cerrado pode acabar...”</i></p> <p><i>“Sem o cerrado não teríamos água, e sem água nem eu estaria falando e nem você estaria me ouvindo...”</i></p>	<p>Recursos</p> <p>Preservação</p> <p>Catastrofismo</p>
<p style="text-align: center;">De barriga cheia</p>	<p>Impactos dos resíduos na vida das espécies:</p> <p><i>“As vezes os albatrozes comem coisas que não deveriam comer...”</i></p> <p>Cena onde um albatroz passa mal, o outro tenta salvá-lo e retira resíduos de dentro de seu corpo.</p> <p><i>“Coisas estragadas e lixo definitivamente não são um bom almoço...”</i></p>	<p>Ameaça</p> <p>Preservação</p> <p>Catastrofismo</p>
<p style="text-align: center;">Amamos Butiá</p>	<p>Butiá como espécie chave</p> <p><i>“Dentre tantas maravilhas desta região, existe uma planta especialmente importante na vida e cultura das pessoas: o butiazeiro.”</i></p> <p><i>“Os butiás fazem parte da cultura e história de quem vive nessa região do país...”</i></p> <p>O butiá como herança identitária do lugar</p> <p><i>“Os povos indígenas, primeiros habitantes dessa terra, gostavam muito de comer as frutas e sementes... Os coquinhos.”</i></p> <p>Butiazais e conservação da biodiversidade</p> <p><i>“Esses ecossistemas, além dos butiazeiros, abrigam também grande diversidade de plantas e animais.”</i></p> <p>(Cenas de animais nativos alimentando-se de butiás.)</p> <p><i>“Atualmente se encontram ameaçados pela expansão das áreas agrícolas e urbanas.”</i></p> <p><i>“E os extensos butiazais são raros...”</i></p> <p>Interdependência das espécies</p> <p><i>“Conservar os butiazais é conservar toda essa bicharada... E a preservação destes animais é essencial para a perpetuação dos butiás e dos butiazais...”</i></p>	<p>Ameaça</p> <p>Preservação</p> <p>Proteção</p>
<p style="text-align: center;">Enrolados</p>	<p>Impactos do descarte inadequado de resíduos na fauna:</p> <p><i>“Os casais de albatrozes são parceiros de verdade, depois que se encontram eles ficam juntos pela vida inteira...”</i></p> <p>Cena mostrando um casal de albatrozes se alimentando de resíduos existentes na água. A ingestão do lixo adoce a fêmea e o macho tenta ajudar na situação.</p>	<p>Preservação</p> <p>Catastrofismo</p>

	<p>“Os casais de albatrozes nunca desistem um do outro.”</p>	
Nascentes	<p>“Recuperar nascente significa recuperar área de recarga (...). Área de recarga é a área acima das nascentes, principalmente topo de morro e encostas onde a água infiltra...”</p> <p>“O Colégio Elvira Bruzi vem fazendo esse trabalho para a conscientização e preservação das nascentes com os alunos...”</p> <p>“O projeto Nascentes é um resgate das nascentes da nossa região. E nossas nascentes secaram...Muitos agricultores não cuidaram devidamente das nascentes e então esse projeto surgiu com esse objetivo: primeiro de conscientização, temos que conscientizar o povo que ali vive.”</p> <p>“Muita gente, antes desse projeto começar, não dava importância para a sua nascente. Depois que esse projeto começou tão tendo consciência, que antes não tinham, que é a preservação de nascente...”</p>	<p>Preservação</p> <p>Proteção</p>
Grutas de Salitre	<p>Cenas iniciais: ênfase nas das belezas naturais do lugar</p> <p>“Localizada no município de Diamantina, Minas Gerais, a Gruta do Salitre integra a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, uma região detentora de uma extrema biodiversidade e também de uma riqueza sociocultural muito grande do nosso país.”</p> <p>“A proposta de criação de uma Unidade de Conservação no local, além de garantir a preservação de todos os atributos geológicos, de importância da sua fauna e flora associado a um ambiente de cerrado e também rupestre também fortalece o mosaico de áreas protegidas do Espinhaço (...).”</p> <p>“A Gruta do Salitre é um espaço não formal de aprendizagem, isso significa que quando as pessoas visitam a gruta elas aprendem... Elas aprendem com a própria natureza ou então por meio das informações repassadas pelos moradores da região que recebem os visitantes...”</p>	<p>Proteção</p> <p>Preservação</p> <p>Aprender com a natureza</p>
Naturalmente ambiental	<p>“Tive a felicidade de nascer em um ambiente natural né?! Por sinal magnífico, é o encontro do rio com o mar...Se olhava pro lado eu ia pro manguezal, se olhava pro outro eu ia pra praia. Uma praia conservada, cheia de dunas, cheia de matas. Hoje, 30 anos depois, ela tá quase que totalmente destruída, e ainda tem muita beleza, mas menos de 40 anos e eu vi o lugar que eu nasci maravilhoso, intacto, virgem, ser tomado.”</p> <p>“Eu acho que esse sentimento né...Que eu vou sempre repetir muito essa palavra, sentimento e amor, faz com que você se conecte! E essa conexão faz com que a sua educação seja naturalmente ambiental.”</p> <p>“A visão de Educação Ambiental se comprova assim na minha cabeça né? Acho que todos nós temos amor, então se todos nós temos amor, todos nós somos educadores naturais ambientais. O que nós temos que estimular? É a prática desse amor, o exercício desse amor (...).”</p>	<p>Natureza intocada</p> <p>Ameaça</p> <p>Ideal romântico</p>
Torilhe o espantalho marinho	<p>“Quando estão procurando alimentos às vezes os albatrozes e as pardelas encontram surpresas inesperadas...”</p> <p>Cena em que albatroz fica com o bico preso em um anzol por falta de sinalização na linha de pesca para as aves.</p> <p>O espantalho é colocado na linha de pesca e as aves não chegam mais perto.</p>	<p>Ameaça</p> <p>Catastrofismo</p>

A categoria *Educação Ambiental Normativa* (Tabela III) apresenta foco na ação direta, na busca por soluções imediatas para os problemas ambientais apresentados e na proposição de condutas e normas a serem seguidas universalmente. Essa categoria pode ter se originado em concepções tecnicistas de educação, haja vista seu caráter normativo, prescritivo. Essa corrente de Educação Ambiental enfoca a mudança do comportamento individual enquanto chave da mudança, e assim como a Educação Ambiental Naturalista-Conservadora, não desenvolve as causas sociais e políticas dos problemas ambientais. Como palavras-chaves indicadoras podem ser destacadas: mudança de comportamento, moralização de condutas, ação individual, conscientização, solução e desenvolvimento sustentável.

Tabela III – Análises referente à categoria Educação Ambiental Normativa

Título	Cenas/Transcrições dos vídeos	Palavras-chave
DO Alerta	<p>Vídeo produzido por alunos de uma escola Municipal.</p> <p><i>“Se todo mundo fizesse a sua parte né, ao lavar as vasilhas, fechasse a torneira né durante o tempo necessário para ensaboar, com certeza a gente economizaria água também para o meio rural né? Eu acho que é uma falta de conscientização na população...”</i></p> <p><i>“Em casa eu mudei muitas coisas, eu não demoro tanto no chuveiro... Por que eu demorava muito muito... Já virou mania comigo já ver uma torneira aberta eu vou lá fechar. Eu chamo a atenção das pessoas também por que isso tá me dando nervoso... Olhá uma pessoa gastando e ficar quieta eu não consigo mais... Antes eu mesma dava o exemplo de deixar a torneira aberta. Hoje em dia eu não deixo mais... Em casa eu conscientizo muitas pessoas, principalmente nas ruas, pessoas que não sabem...”</i></p> <p>A mudança como projeto individual:</p> <p><i>“Não adianta campanhas e cartazes se cada um não fizer a sua parte.”</i></p>	<p>Mudança de comportamento</p> <p>Ação individual</p> <p>Conscientização</p>
Evite Picadas	<p>Prescrição de medidas para prevenção de picadas de mosquito do Zika:</p> <p><i>“Uma das maneiras melhores de se proteger dos mosquitos é usar repelente, calças e blusas de mangas compridas...”</i></p> <p><i>“Precisamos manter portas e janelas fechadas para os mosquitos não entrarem.”</i></p>	<p>Mudança de comportamento</p>

FlashMob UNB	<p>“O que você faz quando encontra um lixo no chão?”</p> <p>“Uma cidade limpa não é a que você mais varre, mas a que você menos suja...”</p> <p>“Esse é o nosso objetivo: a conscientização.”</p> <p>“Brasília limpa, sua atitude faz a diferença.”</p>	<p>Mudança de Comportamento</p> <p>Conscientização</p> <p>Ação individual</p>
O engenheiro da terra	<p>*Compensação Ambiental</p> <p>“A gente entende hoje que ter interrompido o serviço de argila, ter atrasado sei lá 30-40 dias no serviço da argila, licenciar outra jazida pra continuar o serviço teve um custo sim, mas é um custo que não vale nada...”</p> <p>“Essa estrutura veio para mostrar para o brasileiro que é possível sim se preservar sim estruturas fossilíferas como forma de trabalhar a Educação Ambiental no Brasil...”</p> <p>“O projeto de preservação da Paleotoca nos ensina uma lição de que tem que tomar iniciativa... Pensando na Paleotoca, ela era um buraco no meio da jazida, uma área de extração de argila. Se fez toda essa movimentação pra descobrir exatamente o que era e pra preservar e pra deixar, abrir pra comunidade...”</p>	<p>Solução</p> <p>Desenvolvimento Sustentável</p>
Rodeio, de que lado você está?	<p>“Os animais são utilizados para fins de entretenimento das mais diversas formas no mundo inteiro...Eles são obrigados a fazer truques, a correr, pular, competir, a enfrentar a morte numa arena. Só para entreter a nós seres humanos...”</p> <p>“Todos tipo de entretenimento que usa animais causa maus tratos. Sejam eles físicos, mentais ou psicológicos.”</p> <p>“Não tem nenhum direito à cultura que vá ser justificado diante da violação de outra regra da Constituição que diz com todas as letras que essas atividades cruéis e que causam abuso ou maus tratos aos animais não vão ser aceitos...”</p> <p>“Como seres humanos nós temos o dever de proteger qualquer ser vivente de crueldade, dos maus tratos e da violência. Um modo de fazer isso é não participar de nenhum espetáculo que promova o lucro através da exploração dos animais.”</p>	<p>Moralização de condutas</p> <p>Mudança de Comportamento</p>
Que se lixe o lixo	<p>“Cuidar direito do lixo faz parte de ter um bom saneamento.”</p> <p>Cena de uma casa onde folhas de papel são misturadas com outros resíduos, inviabilizando-as. Na sequência, esse material chega à esteira de triagem e não pode ser separado pois está sujo. Numa outra casa as folhas de papel são acondicionadas em local adequado e chegam à usina podendo ser separadas para reciclagem.</p> <p>“Separar o lixo faz tudo ficar melhor...”</p>	<p>Mudança de Comportamento</p>

A categoria *Educação Ambiental Crítico-Reflexiva* (Tabela IV) por sua vez, encontra suporte na perspectiva das Teorias Críticas do campo da Educação. Essa corrente pauta-se no entendimento mais amplo do exercício da participação social e da cidadania, entendendo e destacando a dimensão política da questão ambiental. Tem como objetivo a organização da sociedade civil na busca por transformações

socioambientais. Como palavras chaves indicadoras podem ser desatacadas: Lugar, Pertencimento, Subjetividade, Crítica Social, Denúncia, Sustentabilidade, Cidadania, Ação Coletiva, Projeto Comunitário.

Tabela IV – Análises referente à categoria Educação Ambiental Crítico-Reflexiva

Título	Cenas/Transcrições dos vídeos	Palavras-chave
Bailarina do Lagomar/Espelho D'água	<p>Menina conta sua história de vida relacionando com a do lugar que mora o qual, em virtude da instalação do porto, está se modificando em termos sociais e ambientais:</p> <p><i>“Quando eu era pequena eu andava de bicicleta e a rua era de barro, e hoje é asfalto”... Se você andar meu filho, já era.</i></p> <p><i>“Eu passava na rua, não tinha violência... A gente podia andar de bicicleta, jogar queimada.”</i></p> <p>Depoimentos de moradores e outros entrevistados:</p> <p><i>“O que precisa melhorar aqui é as ruas, a água, e o esgoto... Porque a água daqui não tem, é de poço... É amarela...”</i></p> <p><i>“O progresso quando vem, vem acompanhado de tudo: coisas boas e coisas ruins...”</i></p> <p>Cena da Audiência pública sobre o Porto:</p> <p><i>“Vai prejudicar os animais por causa de um porto?”</i></p> <p><i>“Quando chegou a vez da mulher (da empresa) ela falou de um jeito que não era mesmo pra entender... Quem não tivesse estudo se estivesse lá ia entender alguma coisa? Não ia entender porcaria nenhuma...”</i></p> <p>Cenas finais:</p> <p><i>A menina bailarina dança em meio ao esgoto: “Isso aqui (referindo-se ao lugar onde mora) faz parte de mim...”</i></p>	<p>Lugar</p> <p>Pertencimento</p> <p>Subjetividade</p> <p>Crítica Social</p>
Diretas Já	<p>Cena de um valão, de esgoto a céu aberto.</p> <p><i>“O rio não é sujo não, aqui é o valão.”</i></p> <p>Sobre o caminho do esgoto na ausência do saneamento:</p> <p><i>“Aqui não tem nenhum centro de tratamento... Pra onde vai toda essa sujeirada? Ou vai pro rio ou vai pro mar...”</i></p> <p>Cena de morador remando no rio:</p> <p><i>“E lá encima tem um veneno que toda vez que chove cai no rio... Mata os peixe tudo... Tem que ter uma fiscalização pra saber da onde tá saindo... É uma química lá, eu não sei da onde que tá partindo... Eu não sei se é remédio que bota no pasto daí escorre... Pra mata praga né?!”</i></p>	<p>Crítica Social</p> <p>Denúncia</p>

<p style="text-align: center;">Educação para a redução de desastres associados a deslizamentos de terra</p>	<p>O problema socioambiental dos deslizamentos</p> <p><i>“Prefeitura veio aqui, olho e não fez nada...Falô que era pra gente saí daqui de casa por que era área de risco... Mas para onde é que nós vamos? Sem recurso? Família, criança pequena dentro de casa...”</i></p> <p><i>“E onde Cézinha me chamou e disse cara vamo que tá caindo a casa de Dalminha... Chegando lá tava todo mundo agarrado no barro!”</i></p> <p><i>“ Ah, fora daqui não...Eu tô acostumada a levantar de manhã, ver essa paisagem... Tão bom!”</i></p> <p><i>“O risco é hierarquizado dentro de outra lógica. (...) O risco é uma forma de pressão mas não é a única... Na hierarquia, na escala, ele pode ser</i></p> <p><i>“Não é que os sujeitos neguem o risco ou ignorem a existência dele, via de regra não é isso, eu costume dizer que eles dão uma outra significação, um outro lugar para esse risco...”</i></p> <p>O impacto da ausência do Estado</p> <p><i>“Coleta aqui não tem direito, nem esgoto...”</i></p> <p><i>“O lixo jogado na encosta aumenta o peso sobre a encosta(...) gerando mais instabilidade...”</i></p>	<p>Crítica Social</p> <p>Denúncia</p> <p>Lugar</p> <p>Pertencimento</p> <p>Subjetividade</p>
<p style="text-align: center;">Lapinha para sempre</p>	<p>Histórias de vida e histórias do lugar</p> <p><i>“ A Lapinha é presente de Deus né?! Me formei em turismo e trabalho aqui com ênfase em Meio Ambiente por que eu amor a natureza e tive a oportunidade de vir pra Lapinha...”</i></p> <p>Os impactos do turismo e do “progresso”</p> <p><i>“A chegada do asfalto aumentou demais o turismo na comunidade e trouxe todo o tipo de turismo né?! O acesso ficou muito fácil, só 12Km de estrada de terra, o que aumentou muito o fluxo de gente...”</i></p> <p><i>“Ninguém sabe pra frente que jeito que vai ficar né?! Que costuma assim ó aonde vem o bom, vem o ruim também. Na mesma estrada que passa o bom, passa o ruim...”</i></p> <p><i>“A cultura local aqui tá ficando um pouco pedida eu acho...”</i></p> <p>Possibilidades de um turismo sustentável</p> <p><i>“Muitas dessas comunidades, quando estão próximas de paisagens naturais atrativas, também se abrem para o turismo, ecoturismo...E todos esse processo leva às vezes a organização dessas comunidades e a uma nova forma de se relacionar com o entorno.”</i></p> <p><i>“Tem várias frentes que a gente deveria se preocupar e investir: uma é o processo educativo (...) formação de pessoas para poder ter um compromisso e uma visão crítica do seu lugar para essa apropriação ser passada de forma exemplar pra quem tá chegando...”</i></p>	<p>Lugar</p> <p>Subjetividade</p> <p>Crítica social</p> <p>Sustentabilidade</p>
<p style="text-align: center;">Paraíso Esgotado</p>	<p><i>“Arraial modificou muito, aqui era muito melhor do que hoje... Muito! Não tem comparação... Agora tá mais perigoso né, a violência já chegou.”</i></p> <p>Cena mostra lixo na beira de uma lagoa:</p> <p><i>“A lagoa tá poluída, não tem mais os peixe que tinha antes.”</i></p> <p><i>“Nossa lagoa aqui era azul, tinha nome ‘Lagoa Azul’. Hoje a lagoa é marrom, não é mais azul (...) O esgoto de Arraial acabou com essa lagoa.”</i></p> <p><i>“A revolta da gente é essa: a gente tá esquecido. Só lembram da gente em época de eleição.”</i></p>	<p>Pertencimento</p> <p>Subjetividade</p> <p>Crítica Social</p>

<p>Parque Estadual do Sumidouro agindo localmente... Memórias de colaboradores moradores do entorno</p>	<p><i>“Minha relação com o Parque começou antes de eu trabalhar aqui, eu fiz três cursos... Fiz um curso de multiplicadores em desenvolvimento turístico (...), um na área de história, história da região e um curso de condutor.”</i></p> <p><i>“Sinceramente, eu aprendi muitas coisas boas aqui dentro, coisas que não sabia antes hoje eu sei... Eu fiz o curso de brigadista, curso de primeiros socorros, participei de muitas palestras, fiz o curso de boa postura... E é isso aí, vou tocando a vida pra frente...”</i></p> <p><i>“O Parque é um museu, hoje a gente chama de “Museu do Território”. Então é uma área muito rica que a gente tem um patrimônio imenso na área arqueológica, paleontológica, espelhológica, um patrimônio ambiental histórico e cultural... É uma sala de aula a céu aberto podemos assim dizer...”</i></p> <p><i>“Nasci e cresci aqui e a gente sempre ouviu os pais e avós falando da Lagoa do Sumidouro, do Rio das Velhas... Eu sempre recordo do meu pai falando do Rio das Velhas ainda quando ele era despoluído. Dos peixes que ele pescava lá, de como o rio era limpo...”</i></p>	<p>Pertencimento</p> <p>Subjetividade</p> <p>Ação coletiva</p> <p>Sustentabilidade</p>
<p>Peruaçu</p>	<p>Cenas de pessoas caminhando no Parque.</p> <p><i>“O Parque também é rico nesses sítios arqueológicos, tem bastante pintura rupestre. Um dos atrativos além das cavernas tem o atrativo desses grandes painéis de pintura rupestre que tem aqui na região...”</i></p> <p><i>“Sendo o Parque uma Unidade de Conservação, que além do Turismo, o principal dele é a conservação da biodiversidade, sempre existe a preocupação de você conseguir balancear a atividade turística com a preservação da biodiversidade...”</i></p> <p>Cena com inúmeras imagens da fauna representante da biodiversidade existente no Parque.</p>	<p>Sustentabilidade</p>
<p>Prêmio Mandacarú: Projetos e práticas inovadoras em acesso à água e convivência com o semiárido</p>	<p><i>“As tecnologias sociais são processos, técnicas e ferramentas onde a população local junta se propõe a resolver os problemas a partir de conhecimentos e recursos naturais disponíveis na localidade...”</i></p> <p>Impacto das tecnologias sociais na vida das comunidades</p> <p>Cenas da implantação de cisternas em escolas</p> <p><i>“A comunidade bebendo água de qualidade...Gente é um diferencial imenso...”</i></p>	<p>Projeto Comunitário</p> <p>Cidadania</p> <p>Sustentabilidade</p>
<p>Programa Cooperação Cisternas BRA 007-B</p>	<p>Repentista, sobre os impactos da seca no sertão:</p> <p><i>“No campo o gado morrendo O povo correndo sem podê vivê Crianças com os pé no chão Com a lata na mão Sem água pra bebê Sofri com as tristeza que dói E as lágrima nos olho começa a corrê Eita que seca tão grande Meu Deus tanta fome Quem vai socorrê? (...)”</i></p>	<p>Crítica Social</p> <p>Projeto Comunitário</p> <p>Cidadania</p>

	<p><i>“Essa cisterna foi construída há mês e pouco pra nossa alegria... Com ela a gente não fica sem água em casa.”</i></p> <p><i>“Dos seis mês que nós tamo com ela (...) nesses seis mês nós já tá comendo as coisa da horta...Já comendo alface, comendo pimentão, o tomate... A vontade da gente é multiplicar as coisa, pra ter mais renda... Mais o de cumê nós arrumemo depois dessa cisterna. Foi uma riqueza que Deus nos deu...”</i></p> <p><i>“As cisternas contribuem na diminuição de doenças de veiculação hídrica, no cuidado com os filhos e com a casa, na diminuição da evasão escolar, e na capacitação dos agentes públicos locais em gestão de políticas de acesso à água”</i></p>	
<p>Projeto de Diagnóstico da Cadeia Produtiva do Sururu na Lagoa Mundaú em Maceió –AL</p>	<p><i>“Eu comecei através do meu pai e minha mãe que trabalham nisso aqui também né?! Me criaram eu e minha irmã trabalhando nisso aqui, o sururu.”</i></p> <p>A renda mensal dos trabalhadores não chega a 300 reais mensais.</p> <p>Cenas mostram a lagoa poluída.</p> <p>Dados mostram que amostras de sururu estavam contaminadas.</p> <p><i>“O trabalho que a gente consegue é aqui na beira da lagoa, por que a gente tenta uma oportunidade mas não consegue por causa que a gente não tem estudo e a gente trabalha muito aqui... A gente não pode deixar de trabalhar para estudar...”</i></p>	<p>Denúncia</p> <p>Crítica Social</p>
<p>Terra do Meio</p>	<p><i>“Primeiro chegou a madeireira. A madeireira começou a pressionar e encima da madeireira vinha a grilagem... Por que a madeireira vinha, e atrás vinha o fazendeiro... Chegava olha eu sou dono dessa terra aqui, cortava a picada e era o dono... E aí foro invadindo...”</i></p> <p><i>“A região da Bacia do Xingu está ameaçada, bastante ameaçada, pelo um lado madeireiros e grileiros que tentam invadir a região, por outro lado, grandes obras do governo que a gente junto com os parceiros indígenas tem tentado barrar e não tá conseguindo que são as hidrelétrica como a de Belo Monte.”</i></p> <p><i>“Comecei a perceber que olhando pra mim eu vi que tem tudo a ver com a terra por que eu nasci na floresta, eu sou raiz da floresta, a minha mãe é a floresta, o meu pai é a floresta, a minha vida é a floresta... A minha sobrevivência toda é a floresta... A minha mãe é a mãe seringueira, eu fui ribeirinho criado na seringa, meu pai sustentava eu e os meus irmão com o dinheiro da seringa...”</i></p> <p><i>“Mudou o tipo da gente vive, a gente não tinha transporte, adoecia uma criança e murria a mingua...Murria à mingua causa de que nós não tinha assim um barco pra leva, uma vuadera... E hoje nós temo escola, se quiser leva uma vuadera pra uma pessoa que tá doente, leva... Tem uma pista já de poso...”</i></p> <p><i>“Ninguém nem pensava em fazê óleo de castanha (...) Hoje tira até 20 mil litro de óleo de castanha.”</i></p> <p><i>“Qual que são extrativismo? É extrair produtos da floresta de forma que não agride a natureza que isso são as castanha, o babaçu, o comaru, copaíba, andiroba, abacaba, mamão, girimum, macaxera, caraá, batata, patoá, açai (...) Tudo isso são os produto que são extraído da população de modo que não agride... natureza.”</i></p>	<p>Denúncia</p> <p>Pertencimento</p> <p>Subjetividade</p> <p>Crítica Social</p> <p>Sustentabilidade</p>

É importante observar que, segundo os dados coletados e resultados obtidos, os vídeos da 7ª Mostra Circuito Tela Verde compreendem perspectivas diferenciadas de Educação Ambiental, tendo como tendência majoritária as abordagens tradicionais desenvolvidas neste campo do conhecimento, tais como, a Educação Ambiental Naturalista-Conservadora e a Educação Ambiental Normativa.

Levando em consideração que esta pesquisa não tinha e nem tem o intuito de apontar perspectivas certas ou erradas do fazer em Educação Ambiental, afirma-se que a análise dos vídeos aqui realizada objetivou mostrar as diferentes possibilidades teóricas que podem valorizar e contribuir os trabalhos em Educação Ambiental. Ainda que estas diferentes perspectivas expressem concepções diversas de educação, ambiente e educação ambiental, pode-se dizer que elas não são necessariamente excludentes no processo educativo, o que pode gerar as condições necessárias e suficientes para que os educadores possam optar pelas correntes que mais se adequam aos objetivos de seus projetos educativos e de ensino. A autora desse trabalho tem como horizonte teórico a perspectiva Crítico-Reflexiva, e por tal motivo enfatiza a necessidade do desvelamento dos conceitos que embasam cada material a ser utilizado na prática pedagógica em Educação Ambiental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções apresentadas pela 7ª Mostra Circuito Tela Verde revelam grande potencial em relação à discussão e promoção de Educação Ambiental. Por meio de diferentes gêneros, temas e abordagens, os vídeos, sugerem questões significativas para se pensar os modos contemporâneos de se viver em sociedade e os modos como “somos ambiente” e nos relacionamos com ele.

Como discutido ao longo do trabalho, as práticas unidas sob o conceito de Educação Ambiental já foram classificadas de muitas formas. E essa diferenciação se faz necessária por que marca o posicionamento político de cada prática, seu endereçamento. Como explicita Carvalho (2004 p. 16), o conceito de endereçamento “pode ser útil para destacar como se constitui e a quem se dirige, se endereça, cada uma destas educações”. Dentro dessa ideia de endereçamento, ainda segundo autora, estão compreendidas a produção de cada tipologia de educação ambiental como construções advindas de uma “dinâmica de forças, sociais e culturais, poderes e contra-poderes, num círculo de interlocução, onde o destinatário também constitui o artefato que a ele é endereçado”.

Nesse sentido, tendo em vista que dos 25 vídeos analisados, 14 deles se aproximam de um viés tradicional da Educação Ambiental, cabem as perguntas: A quem se endereça essa produção? A quais objetivos servem dentro de um contexto histórico em que vivemos perdas de direito em todas as dimensões (econômicas, ambientais, referentes à saúde, direitos humanos, direitos trabalhistas...)? É preciso destacar, como afirma (Vanoye, 2012 p. 52) que uma produção audiovisual opera escolhas, organiza elementos, constrói um mundo possível. Ou seja, o filme constitui um ponto de vista sobre um ou outro aspecto do mundo que é contemporâneo.

Em tempos nos quais a educação passa por projetos tais como o “Escola sem partido”, há uma urgência de se discutir todo e qualquer discurso que chega à instituição escolar, tanto na forma de livro didático, quando na forma de Mostra de Cinema. Em tempos onde o discurso da neutralidade retorna como possível na escola, é preciso reforçar a atenção para os pressupostos teóricos do fazer.

Achar lugar, dentro dos espaços educadores e das ações pedagógicas, que contemple o diálogo entre as diferentes abordagens em Educação Ambiental é fundamental para que as práticas do campo sejam reflexivas, não cristalizadas. E

para isso, é preciso que os fundamentos das diferentes abordagens sejam compreendidos, apropriados e divulgados, tarefa que este trabalho procurou timidamente estimular.

Tendo noção das limitações desse trabalho, é preciso destacar que este não se encerra nessas páginas, o exercício pode continuar reverberando a cada vez que esses mesmos vídeos são vistos por outros/ou pelos mesmos em outros momentos. Aí a magia de se trabalhar com esse tipo de recurso: a produção audiovisual reflete o repertório de experiências de seus espectadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: junho de 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina de M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 43-51, abri./jun. 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura et al. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. **Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente**, p. 13-24, 2004.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad. Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUIA VÍDEO NA ESCOLA. Disponível em: http://www.institutocriar.org/arquivos/guia_ilustrado_videocriar.pdf. Acesso em: janeiro de 2017.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 25-34, 2004.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, 2002.

LAYRARGUES, P. P. (coord.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. 2004. **Trajatória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA. **Circuito Tela Verde**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educacao-comunicacao/circuito-tela-verde#materiais-do-ctv-7>. Acesso em: maio de 2017.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de cinema II: gêneros cinematográficos**. Covilhã: LabCom, 2010.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle Carvalho, Isabel. **Educação Ambiental: Pesquisa e desafios**. São Paulo: Artmed, 2005.

SAUVÉ, Lucie. Viver juntos em nossa Terra: Desafios contemporâneos da educação ambiental. **Revista Contrapontos**, v. 16, n. 2, p. 288-299, 2016.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Thessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: CASCINO, F.; JACOBI, P.; OLIVEIRA, J. F. (org.). **Educação, Meio Ambiente e Cidadania: reflexões e experiências**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente/Coordenadoria de Educação Ambiental. São Paulo: 1998, p. 27-32.

PELICIONI, A. F. Desvelando representações e práticas sociais em educação ambiental. In: RIBEIRO, H. (org.) **Olhares geográficos: meio ambiente e saúde**. São Paulo: SENAC, 2005. p. 163-180.

VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Papirus Editora, 2006.

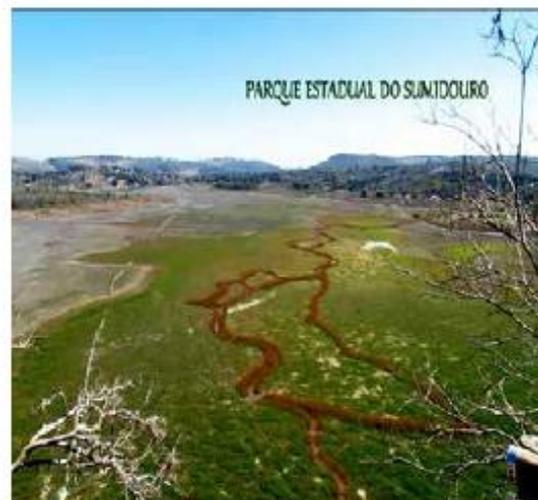
ANEXO – Fichas técnicas e sinopses dos vídeos

(Categorias segundo o Guia Orientador da 7ª Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente)

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Parque Estadual do Sumidouro agindo localmente...Memórias de colaboradores moradores do entorno

Ano da produção: 2014
Cidade/ Estado: Pedro Leopoldo/ Lagoa Santa/ Minas Gerais/ Brasil
Tempo de duração: 00:16:40
Produção: Mírian Apoliana Lelis, Jucilene Graciele Pereira Martins, Luísa Cunha Cota, Érika Aparecida de Oliveira e Rogério Tavares de Oliveira.
Autores/ Direção: Rogério, Cleiton, Altair, Edna, Alexandre, Érika, Mírian, Janaír, Jucilene e Luísa C. Cota.
Roteiro (Responsável/ eis): Luísa C. Cota e Rogério Tavares.
Edição: Luísa C. Cota e Lucas Lima.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Educadores e Agentes Públicos.



Perguntas para orientar o debate: Toda relação de uma Unidade de Conservação - UC - e os moradores do seu entorno é pacífica? O que pode ser feito para melhorar o relacionamento entre moradores locais e a UC? Você conhece as UCs que existem na região onde você mora?

Sinopse: O vídeo faz referência ao projeto "Memórias", que fez um registro da história oral dos moradores da Quinta do Sumidouro e também de colaboradores que moram em seu entorno. O documentário mostra ainda os principais atrativos do parque, sua importância como patrimônio, além de apresentar os relatos e o relacionamento dos colaboradores com o local.

Terra do meio

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Altamira - PA
Tempo de duração: 00:19:00
Produção: Marcelo Salazar e Rafael Salazar.
Autores/ Direção: Instituto socioambiental e Poltrona Filmes, Rafael Salazar.
Roteiro (Responsável/ eis): Cristiano Tierno e Rafael Salazar.
Edição: Pedro Pinho e Rodrigo Faustini.
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Populações Tradicionais



Perguntas para orientar o debate: Qual a importância das florestas para a sociedade como um todo? E das populações tradicionais? O que podemos aprender com o modo de vida dessas populações? O que podemos fazer para manter o modo de vida dessas populações? Qual o valor dos conhecimentos tradicionais? Se esses conhecimentos forem perdidos, o que a sociedade perde junto? É possível conciliar negócios com floresta? Se sim, de que forma? Como crescer sem destruir? Afinal o que é crescer, o que é desenvolvimento para você?

Sinopse: Através da voz dos ribeirinhos da Terra do Meio, no Pará, o filme retrata o modo de vida, a história de migração em busca da borracha, as pressões sofridas por fazendeiros, madeireiros e garimpeiros, as mudanças após buscarem seus direitos, principalmente da homologação das reservas extrativistas. Estas populações agora passam por um momento de mantenedores da floresta, que a utilizam, mantendo o seu modo de vida tradicional e criando relações com o mundo externo.

Gruta do Salitre

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Diamantina - MG
Tempo de duração: 00:05:25
Produção: Instituto Biotrópicos & Rupestre Imagens.
Autores/ Direção: Michel Becheleni
Roteiro (Responsável/ eis): Michel Becheleni.
Edição: Michel Becheleni.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Público em geral.



Perguntas para orientar o debate: É possível garantir a conservação de um ambiente natural apenas com a criação de uma UC no local? Vocês conhecem outros locais na sua região que poderiam se tornar uma nova UC? A Gruta do Salitre é a primeira gruta que está sendo gerida por uma organização não governamental no Brasil. Você acredita que iniciativas como esta podem colaborar com a conservação da biodiversidade em nosso país? Por quê?

Sinopse: A proposta de criação de Unidade de Conservação na Gruta do Salitre (Diamantina-MG), situada no Mosaico do Espinhaço (Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço), destaca a singularidade e a importância da conservação desse patrimônio natural, em meio à vegetação de cerrado e campos rupestres, aliada à oportunidade de desenvolvimento regional.

SANEAMENTO BÁSICO

Diretas Já?

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Distrito de Barra de São João, Casimiro de Abreu.
Tempo de duração: 00:06:29
Produção: Liana Ébano e Lucas Barbosa.
Autores/ Direção: Ana Karoliny Xavier de Andrade, Daniel de Andrade Santos, Maria Eduarda Ribeiro Silva, Tânia Andrade, Peixoto e Wellinson Pereira da Silva – Representantes do Projeto Núcleo de Educação Ambiental da Região da Bacia de Campos. Manuela Castilho e Josinaldo Medeiros.
Roteiro (Responsável/ eis): Ana Karoliny Xavier de Andrade, Daniel de Andrade Santos, Maria Eduarda Ribeiro Silva, Tânia Andrade Peixoto e Wellinson Pereira da Silva.
Edição: Josinaldo Medeiros.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Jovens e adultos moradores de comunidades urbanas situadas nas margens de córregos, valões e rios.



Perguntas técnicas do vídeo: De quem é a responsabilidade sobre a poluição por falta de saneamento básico adequado? O que é saneamento básico? Como a população pode participar da gestão do saneamento básico? Como envolver a comunidade local nos processos de decisão, implementação e acompanhamento de ações de saneamento?

Sinopse: Segundo estudo do SUS (Sistema Único de Saúde), Casimiro de Abreu é o município da região dos lagos que mais trata seu esgoto. Será? O portal do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) de Casimiro informa que Barra de São João será o primeiro distrito a ser contemplado com projetos de saneamento básico, mas enquanto isso, o esgoto continua sendo jogado no rio São João. O filme #DIRETASJÁ? mostra um pequeno recorte da situação atual do saneamento em Barra de São João.

Paraíso esgotado

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Arraial do Cabo - RJ
Tempo de duração: 00:08:11
Produção: Fernanda Coelho, Filipe Barbosa e Kayo Pereira.
Autores/ Direção: Grupo Gestor Local de Arraial do Cabo-representantes do Projeto Núcleo de Educação Ambiental da Região da Bacia de Campos. Direção coletiva.
Roteiro (Responsável/ eis): Roteiro coletivo.
Edição: Josinaldo Medeiros.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Jovens, adultos, estudantes, agentes públicos e educadores.



Perguntas para orientar o debate: Para aonde vai o esgoto da sua casa? Há um tratamento adequado desse esgoto antes dele ser lançado no corpo receptor? Qual é o corpo receptor dos efluentes tratados no seu município? De quem é a responsabilidade pela qualidade dos corpos hídricos?

Sinopse: O vídeo retrata a situação de esgotamento de Arraial do Cabo na visão de turistas e moradores. O filme revela o descaso com as praias do município e com a maior Laguna hipersalina do mundo. Revela que o esgoto de Arraial do Cabo é lançado *in natura* diretamente para a Laguna e que isso tem prejudicado tanto moradores quanto pescadores. Aborda também o relato emocionado de um pescador que vê a sua fonte de sustento ser degradada pela poluição e pelo descaso dos governantes.

AÇÕES E PROJETOS DE EDUCADORES AMBIENTAIS

Educação para a redução de desastres associados a deslizamentos de terra

Ano da produção: 2012
Cidade/ Estado: Rio de Janeiro - RJ
Tempo de duração: 00:28:25
Produção: Marcos Barreto de Mendonça
Autores/ Direção: Marcos Barreto de Mendonça, Flávio Cândido e Daniel Damasceno.
Roteiro (Responsável/ eis): Marcos Barreto de Mendonça.
Edição: Flávio Cândido.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Estudantes universitários, agentes públicos, associações comunitárias e educadores.



Perguntas para orientar o debate: Na sua opinião, quais são as causas dos desastres associados a deslizamentos de terras? Vocês acham que os moradores podem contribuir para a redução dos riscos de desastres nessas áreas? Como podemos fazer para que a população se envolva efetivamente na redução dos desastres? Qual é a melhor forma para promovermos uma cultura de redução de desastres na população? Quem são os responsáveis pela mitigação dos problemas já causados? Quem são os mais afetados pelos desastres?

Sinopse: O vídeo aborda o tema de desastres associados a deslizamentos de terra, focando no caso de uma comunidade (Maceió) em Niterói, Rio de Janeiro, que foi seriamente afetada em abril de 2010. São apresentados relatos de moradores e especialistas na área sobre percepção de risco, e opiniões sobre o problema. Como parte principal do vídeo, é apresentado o projeto educativo realizado na comunidade em 2011, o "Alerta Maceió", incluindo as atividades educativas, as falas dos professores envolvidos e os resultados. As atividades foram realizadas com moradores jovens da comunidade numa ONG local (Oficina do Parque), consistindo em oficinas de teatro, fotografia, história em quadrinhos e maquete, tendo como tema principal os deslizamentos de terra. O vídeo mostra como é possível a abordagem do tema em um projeto de educação não formal, visando a criação de um canal de comunicação sobre o tema entre especialistas e moradores.

Naturalmente Ambiental

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Fortaleza - CE
Tempo de duração: 00:12:18
Produção: Independente
Autores/ Direção: Amanda Rodrigues, Felipe Monteiro, Heideger Nascimento, Ingrid Andrade, Nádia Freitas, Larissa Batalha e Henrique Maia.
Roteiro (Responsável/ eis): Amanda Rodrigues e Nádia Freitas.
Edição: Heideger Nascimento.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Educadores, Educadores Ambientais, Estudantes ou qualquer outro que tenha interesse na área.



Perguntas para orientar o debate: Que tipo de educação ambiental deve ser desenvolvida para que haja uma efetiva sensibilização ambiental? Orientado pela abordagem exposta no vídeo, quais atividades práticas você indicaria? Como você poderia adaptar essa abordagem de Educação Ambiental para a sua realidade? O nosso sistema tradicional de educação é eficiente? Quais elementos necessários para uma educação diferente?

Sinopse: O que você pensa quando se fala em educação ambiental: palestras, minicursos, aulas? Você já pensou em uma sala de aula sem paredes? Será que surte resultados diferentes? Que tal envolver o sentimento e o respeito? Impossível?! Bom, apresentamos o resultado de um trabalho de um educador ambiental que teve a chance de contribuir na vida de diversos jovens a partir do **surf** e da arte, tendo como protagonistas o respeito e o sentimento no sucesso do seu trabalho.

Prêmio Mandacaru. Projetos e práticas inovadoras em acesso à água e convivência com o semiárido

Ano da produção: 2014
Cidade/ Estado: Brasília - DF
Tempo de duração: 00:13:55
Produção: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS).
Autores/ Direção: Luis Tadeu Assad, Carla Gualdani, Milton Krugger Martins, Maiti Fontana e Arthur B. Senra.
Roteiro (Responsável/ eis): Luis Tadeu Assad, Carla Gualdani, Milton Krugger Martins, Maiti Fontana, Arthur B. Senra e Andrés Burgos Delgado.
Edição: Arthur B. Senra
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Jovens do segundo grau de ensino médio, estudantes universitários e de ensino técnico, educadores, agentes políticos e administrativos, associações de agricultores e agricultoras familiares, instituições de pesquisa, organizações da sociedade civil, entidades governamentais do Semiárido brasileiro ou com atuação na região.



Perguntas para orientar o debate: Por que e como conviver com o semiárido? Quais as características climáticas, políticas e sociais do semiárido? O que é uma tecnologia social? Quais são seus princípios e características fundamentais? Como elas podem contribuir com o desenvolvimento social e sustentável do dessa região?

Sinopse: O vídeo apresenta o Prêmio Mandacaru, uma iniciativa que tem como propósito promover a produção de conhecimentos e o desenvolvimento de ações inovadoras em prol da convivência com o semiárido brasileiro. Esta iniciativa é dirigida às associações de agricultores e agricultoras familiares, instituições de pesquisa, organizações da sociedade civil e entidades governamentais.

Programa Cooperação Cisternas BRA 007-B

Ano da produção: 2014
Cidade/ Estado: Brasília - DF
Tempo de duração: 00:25:39
Produção: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS).
Autores/ Direção: Luis Tadeu Assad, Carla Guldani, Milton Krugger Martins, Maiti Fontana e Arthur B. Senra.
Roteiro (Responsável/ eis): Luis Tadeu Assad, Carla Guldani, Milton Krugger Martins, Maiti Fontana, Arthur B. Senra e Andrés Burgos Delgado.
Edição: Arthur B. Senra e Davi Guimarães.
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Jovens do segundo grau do ensino médio, estudantes universitários e de ensino técnico, educadores, agentes políticos e administrativos.



Perguntas para orientar o debate: Quais as contribuições do Programa Cisternas para o desenvolvimento social e sustentável do semiárido brasileiro? Quais as principais transformações que as cisternas provocam na vida das famílias sertanejas? Por que e como conviver com o semiárido? Quais as principais dificuldades na vida das famílias do semiárido?

Sinopse: O vídeo mostra as ações desenvolvidas pelo Programa Cisternas BRA 007-B na busca da transformação social; a promoção e a valorização da água como um direito essencial à vida e à cidadania, bem como a compreensão e a prática da convivência sustentável e solidária com o semiárido brasileiro. Essas ações foram impulsionadas mediante a difusão de tecnologias sociais que têm no processo participativo as bases fundamentais das suas ações.

BIODIVERSIDADE

Projeto de Diagnóstico da Cadeia Produtiva do Sururu na Lagoa Mundaú em Maceió -AL

Ano da produção: 2012
Cidade/ Estado: Maceió - AL
Tempo de duração: 00:07:47
Produção: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS).
Autores/ Direção: Luis Tadeu Assad, Mauro K. Coutinho, Thiago Dias Trombeta, Felipe Henrique de Abreu Robatini e João Schwartz.
Roteiro (Responsável/ eis): Luis Tadeu Assad e Mauro K. Coutinho.
Edição: IABS.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Público em geral.



Perguntas para orientar o debate: Que ações deveriam ser feitas para melhorar as condições de vida das famílias que trabalham nessa cadeia produtiva? Você sabe como são produzidos os alimentos que você consome?

Sinopse: O vídeo mostra o processo de extração do sururu na lagoa Mundaú - Alagoas, dentro de uma comunidade que vive no entorno do complexo lagunar Mundaú-Manguaba e que encontra uma série de dificuldades de ordem social e econômica, exercendo atividades informais e de subsistência em um ambiente precário.

Rodeio, de que lado você está?

Ano da produção: 2013
Cidade/ Estado: São Paulo - SP
Tempo de duração: 00:14:57
Produção: Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal
Autores/ Direção: Vânia de Fátima Nunes Plaza; Denise Tavares Gonçalves
Roteiro (Responsável/ eis): Denise Tavares Gonçalves
Edição: João Landi Guimarães
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Sociedade em geral e educadores



Perguntas para orientar o debate: De que lado a plateia está? Devemos estender nossa ética a animais não humanos? Existe uma relação entre violência humana e crueldade contra animais? Por que as pessoas de uma forma geral consideram que cães têm sentimentos e pensam, mas desconhecem que todos os vertebrados são seres sencientes, incluindo bovinos e equídeos?

Sinopse: Estamos no século 21. A ciência já comprovou que os animais são seres sencientes, ou seja, sentem dor, medo e estresse tal como nós, seres humanos. Então por que práticas como rodeio e vaquejadas continuam ocorrendo de forma a submetê-los a sofrimento por diversão? Com apresentação do ator Paulo Vilhena, o documentário busca apresentar a questão à sociedade com o embasamento de especialistas das áreas veterinária e jurídica, que analisam essas práticas sob aspectos técnicos, constitucionais e éticos.

Cerrado: Berço das águas do Brasil

Ano da produção: 2014
Cidade/ Estado: Brasília - DF
Tempo de duração: 00:04:06
Produção: WWF – Brasil
Autores/ Direção: WWF – Brasil
Roteiro (Responsável/ eís): WWF – Brasil
Edição: Grama Filmes
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Público geral



Perguntas para orientar o debate: O que tem a ver a qualidade de vida dos brasileiros com o Cerrado? Você sabia que o Cerrado é conhecido como o “Berço das Águas ou Caixa d’água” do Brasil? Qual a relação das águas do Cerrado com as águas que alimentam o Pantanal, maior área úmida continental do planeta? Quais os impactos da devastação do cerrado? O que mais tem contribuído para essa devastação?

Sinopse: Vídeo produzido pelo WWF-Brasil, que aponta a relação entre o Cerrado e a água. Ele pode ser considerado uma grande caixa d’água para o País, pois os rios que nascem no Cerrado abastecem 6 das 8 grandes bacias hidrográficas brasileiras, além de todo o Pantanal. Mas toda essa riqueza muitas vezes não é conhecida!

Amamos Butiá

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Pelotas - RS
Tempo de duração: 00:10:54
Produção: Embrapa Clima Temperado, Universidade Federal de Pelotas, CEAMA, Flora Pelotensis.
Autores/ Direção: Gustavo Crizel Gomes, Gunter Timm Beskow, Rosa Lia Barbieri, Sergio Tuninho, Marcos Borba.
Roteiro (Responsável/ eis): Gustavo Crizel Gomes, Gunter Timm Beskow, Rosa Lia Barbieri.
Edição: Marcelo Gafanha, Bruno Correa.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Público geral.



Perguntas para orientar o debate: Como pessoas, plantas e animais se relacionam? Estes dependem uns dos outros para perpetuar? De que forma uma espécie vegetal pode contribuir na história e cultura de uma região? Quem “planta” e mantém os ecossistemas naturais? Por que devemos preservar a biodiversidade? Por que ameaçamos de extinção algumas espécies e ecossistemas, dos quais sempre tiramos proveito? O que podemos fazer para evitar isso?

Sinopse: Trata das relações ecológicas e socioeconômicas do butiá, palmeira natural do Sul do Brasil, cujos frutos alimentam muitas espécies da fauna, além de serem amplamente apreciados pelas pessoas, que os consomem e comercializam de muitas formas. O artesanato das folhas, a importância da “crina vegetal” na história da economia local, o uso da planta pelos povos indígenas e o grau de ameaça dos ecossistemas de butiazais são abordados.

ANIMAÇÃO

De barriga cheia

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Santos - SP
Tempo de duração: 00:01:58
Produção: Instituto Albatroz.
Autores/ Direção: Marcelo Moura e Jean Moura.
Roteiro (Responsável/ eis): Natalia Maeda.
Edição: Livia Quintanilha.
Gênero do vídeo: Animação.
Público-alvo: Jovem/adulto, estudantes, educadores, entre outros.



Perguntas para orientar o debate: Como o lixo chega a lugares distantes no mar? Qual é o alimento ideal para albatrozes e petréis? Você sabia que quando um albatroz come lixo, ele também alimenta seu filhote com ele?

Sinopse: Tina, a personagem mais gulosa da Albatrupe, acredita inocentemente ter passado mal por causa de um único peixinho depois de ter se alimentado com uma impressionante variedade de lixo marinho. O vídeo impacta por alertar para a infinidade de lixo descartado nos oceanos.

Enrolados

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Santos - SP
Tempo de duração: 00:01:46
Produção: Instituto Albatroz.
Autores/ Direção: Marcelo de Moura e Jean de Moura.
Roteiro (Responsável/ eis): Natalia Maeda.
Edição: Livia Quintanilha.
Gênero do vídeo: Animação.
Público-alvo: Jovem/adulto, estudantes, educadores, entre outros.



Perguntas para orientar o debate: Algumas espécies de albatrozes vivem até 80 anos e existem registros dessas aves se reproduzindo com 60 anos. Por que é mais difícil conservar espécies que possuem longo período de vida? O que é monogamia? Você sabia que o lixo das ruas vai parar nos oceanos? Você conhece algum animal em extinção? Sabe dizer as causas desse desaparecimento?

Sinopse: A lealdade e a monogamia – característica das aves de formar um único par reprodutivo por toda a vida – é apresentada de forma romântica e divertida, além de passar mensagem sobre a problemática do lixo marinho.

Toriline: O espantalho marinho

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Santos - SP
Tempo de duração: 00:01:51
Produção: Instituto Albatroz
Autores/ Direção: Marcelo Moura e Jean Moura
Roteiro (Responsável/ eis): Natalia Maeda
Edição: Livia Quintanilha
Gênero do vídeo: Animação
Público-alvo: Jovem/adulto, estudantes, educadores, entre outros



Perguntas para orientar o debate: A pesca industrial de espinhel fisga incidentalmente somente albatrozes? Por que esse incidente ocorre? Você sabia que existe um regulamento, a Instrução Normativa Interministerial nº 7, de 30 de outubro de 2014 (INI 07/2014), que obriga embarcações de espinhel a utilizarem medidas para proteger albatrozes?

Sinopse: Atraídas pelo cheiro das iscas da pesca de espinhel, técnica industrial para capturar peixes grandes, essas aves oceânicas correm o risco de serem fisgadas. Tina e Judith correm perigo na hora de se alimentar e, em seguida, são salvas pela presença do Toriline.

GRANDES EMPREENDIMENTOS

Espelho d'água

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Macaé – RJ
Tempo de duração: 00:18:39
Produção: Laboratório de Cinema Ambiental da UFRJ Macaé
Autores/ Direção: Liz Vitt e Rafael Costa
Roteiro (Responsável/ eis): Produção coletiva do 7º Curso de Cinema Ambiental da UFRJ – Macaé.
Edição: Priscylla Gongalez.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Estudantes universitários, educadores, gestores de UC, adolescentes e sonhadores.



Perguntas para orientar o debate: Qual é a relação entre as Unidades de Conservação e a instalação de empreendimentos de grande porte? Existe algum grande empreendimento em sua região? Você associa impactos socioambientais a ele? O que são e para que servem as audiências públicas? Qual é a importância da participação dos cidadãos em audiências públicas?

Sinopse: A audiência pública é um ato administrativo consultivo para comunicar aos cidadãos sobre um determinado empreendimento e seus impactos ambientais. Acompanhar uma adolescente, no momento da audiência pública sobre a construção de um terminal portuário que atenderia à atividade petrolífera numa cidade no interior do Estado do Rio de Janeiro, foi o que motivou a realização deste filme.

O engenheiro da terra

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Pelotas - RS
Tempo de duração: 00:17:00
Produção: HAP-CONVAP/ DNIT/ STE/ RASTRO
Autores/ Direção: Cauê Canabarro, Gustavo Arruda e Renata Freitas
Roteiro (Responsável/ eis): Ana Paula Lessa Kringel, Renata Freitas e Karen Adami (UFPel).
Edição: Gustavo Arruda, Thiago Rodeghiero, Gustavo Fonseca.
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Todos os públicos a partir de 9 anos de idade.



Perguntas para orientar o debate: O que é paleontologia? O que é megafauna e quando habitaram a Terra? Como acontece a evolução das espécies no Planeta? Quais os possíveis impactos de grandes construções nos sítios paleontológicos?

Sinopse: Durante uma escavação em uma jazida de argila, nas obras de duplicação da BR-116, no Município de Pelotas, um estranho buraco foi encontrado. Pesquisadores foram chamados para analisá-lo e constataram que se tratava de uma paleotoca. A toca era de um tatu-gigante que habitou a terra há cerca de 10.000 anos atrás. Mas as surpresas não pararam por aí, no fundo da estrutura escavada existiam pequenas pegadas: tratava-se de um berçário, onde uma mãe tatu criou seus filhotes. Visite a toca por dentro, conheça os animais que a habitaram e aprenda um pouco mais sobre a evolução da biodiversidade neste Planeta que chamamos de Terra, o nosso lar.

RECURSOS HÍDRICOS

3ª Mostra de Curtas Ambiental - Nascentes

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Guaçuí - ES
Tempo de duração: 00:09:17
Produção: Alunos da escola
Autores/ Direção: Alunos da escola
Roteiro (Responsável/ eis): Alunos da Escola.
Edição: Alunos da escola
Gênero do vídeo: Ficção
Público-alvo: Crianças, Estudante e a Comunidade.



Perguntas para orientar o debate: Como a educação ambiental pode promover a mitigação dos impactos ambientais causados pelo homem? É importante a inserção de novas práticas de educação ambiental? As crianças podem fazer o papel de educadores ambientais? Você conhece alguma nascente em sua região? Quais os principais impactos do assoreamento de nascentes no meio ambiente? Que atividades causam este assoreamento?

Sinopse: A partir de um projeto da escola, os alunos abordam o tema "nascentes", em um formato de revista eletrônica. Como cuidar das nascentes? O vídeo conta com entrevistas e explicações de proprietários rurais, técnicos e especialistas.

3ª Mostra de Curtas Ambiental – D.O Alerta

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Guaçuí - ES
Tempo de duração: 00:11:17
Produção: Alunos da escola
Autores/ Direção: Alunos da escola
Roteiro (Responsável/ eis): Alunos da Escola.
Edição: Alunos da escola
Gênero do vídeo: Ficção
Público-alvo: Crianças, Estudante e a Comunidade.



Perguntas para orientar o debate: Como a falta de água afeta as atividades humanas? Que projetos podem ser desenvolvidos para evitar a falta de água? O que pode ser feito para mobilizar a comunidade a refletir sobre as questões socioambientais?

Sinopse: D O ALERTA é um programa jornalístico comandado por Hilary Gonçalves e Maria Eduarda Capacia, com os comentários de Roberto Bolival, quando ele consegue fazê-los. O programa tem foco na crise hídrica e aborda o assunto com imparcialidade e uma pitada de humor.

RESÍDUOS SÓLIDOS

Que se lixe o lixo!

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Itanhandu - MG
Tempo de duração: 00:21:12
Produção: Instituto SuperAção
Autores/ Direção: Instituto SuperAção e Cacinho.
Roteiro (Responsável/ eis): Instituto SuperAção e Cacinho.
Edição: Cacinho.
Gênero do vídeo: Documentário.
Público-alvo: Público em geral



Perguntas para orientar o debate: Como é a separação do lixo em sua cidade? De quem é a responsabilidade pela gestão do lixo domiciliar? Como você pode ajudar a modificar a realidade da gestão dos resíduos sólidos na sua cidade?

Sinopse: "Que se lixe o lixo!" conta duas trajetórias possíveis para uma folha de papel, desde o momento em que é descartada até o seu destino final. Na primeira trajetória, a folha de papel é descartada sem separação, não passa por coleta, nem recebe destinação adequada. Termina em uma vala junto com diversos outros tipos de resíduos que não deveriam estar ali. Na sequência, a folha de papel passa por uma trajetória onde existe uma gestão adequada dos resíduos. Seu destino surpreende e encanta o público.

Flash Mob campanha Brasília limpa rodoviária

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Brasília - DF
Tempo de duração: 00:03:48
Produção: UnB TV/ SLU/ Núcleo de sustentabilidade/ UnB/ DEX
Autores/ Direção: Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti, Núcleo de sustentabilidade – SLU; Maurício Neves.
Roteiro (Responsável/ eis): Núcleo de sustentabilidade – Unb/DEX.
Edição: Sarah Silva
Gênero do vídeo: Mobilização
Público-alvo: estudantes de ensino fundamental, médio, superior e a comunidade em geral.



Perguntas para orientar o debate: Qual é sua atitude frente a um resíduo no chão? Você faz coleta seletiva? Qual é sua opinião sobre limpeza urbana e a preservação do meio ambiente? De quem é a responsabilidade pela destinação correta dos resíduos? Qual o papel do cidadão? E dos governantes? Seu município realiza coleta seletiva?

Sinopse: O Flashmob da campanha educativa "Brasília Limpa" é uma iniciativa do Núcleo de Sustentabilidade do Decanato de Extensão da UnB, em parceria com o SLU, voltada para a limpeza urbana e a coleta seletiva, com foco na conscientização das pessoas. A iniciativa conta com a parceria da UnBTV.

ECOTURISMO

Documentário Peruaçu

Ano da produção: 2015
Cidade/ Estado: Itacarambi - MG
Tempo de duração: 00:09:56
Produção: Instituto Biotrópicos & Rupestre.
Autores/ Direção: Michel Becheleni
Roteiro (Responsável/ eis): Michel Becheleni.
Edição: Michel Becheleni.
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Público em geral.



Perguntas para orientar o debate: Você sabe o que é um parque nacional? Já visitou algum? O que você entende por ecoturismo? Cite algumas ações e comportamento de turistas que podem causar danos ao meio ambiente e aos animais? Como você acha que deve se comportar ao visitar um parque nacional? E ao visitar cavernas? O que caracteriza um mamífero? Cite cinco espécies de mamíferos silvestres (animais que não foram domesticados pelo homem) que vivem no Brasil. Você acha que existe algum mamífero brasileiro ameaçado de extinção? (Dica: O site do Ministério do Meio Ambiente tem a lista atual das espécies brasileiras ameaçadas de extinção). O que faz com que uma espécie esteja ameaçada de extinção?

Sinopse: O documentário mostra um pouco das belezas do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, no norte de Minas Gerais, e conta sobre o projeto de monitoramento de mamíferos, desenvolvido pelo Instituto Biotrópicos, na região desde 2007. Através deste projeto de pesquisa temos como objetivo fornecer dados que permitam avaliar possíveis impactos da visitação turística sobre os mamíferos do Parque Nacional e, desta forma, conciliar o turismo de baixo impacto com a conservação da biodiversidade.

Lapinha para sempre

Ano da produção: 2014
Cidade/ Estado: Santana do Riacho – MG
Tempo de duração: 35:02:00
Produção: Guilherme Cunha Conrado, Lilian Stocker de Souza, Marli Resende, Tatiana Rodrigues de Jesus, Geraldo Tadeu Rezende Silveira.
Autores/ Direção: Guilherme Cunha Conrado, Lilian Stocker de Souza, Marli Resende, Tatiana Rodrigues de Jesus.
Roteiro (Responsável/ eis): Guilherme Cunha Conrado, Lilian Stocker de Souza, Marli Resende, Tatiana Rodrigues de Jesus.
Edição: 7 Filmes
Gênero do vídeo: Documentário
Público-alvo: Visitantes da Comunidade e público em geral.



Perguntas para orientar o debate: Qual o impacto do turismo em uma comunidade tradicional? O turismo é bom ou ruim? O turismo interfere na cultura da comunidade? Quais as consequências do turismo para o meio ambiente e para o tratamento de resíduos da comunidade?

Sinopse: O vídeo retrata o cotidiano da comunidade de Lapinha da Serra, seus costumes, cultura, música, natureza e os impactos causados pelo turismo exacerbado no vilarejo inserido na APA Morro da Pedreira. “Lapinha para sempre” é um documentário que dá voz aos moradores. Fruto de ações de educação ambiental envolvendo a comunidade na causa da preservação ambiental e cultural.

PARCERIA VILA SÉSAMO

Zika -Evite Picadas

Ano da produção: 2016
Cidade/ Estado: Brasília -DF/ Nova Dehli -India
Tempo de duração: 30 Segundos
Produção: Amorim Filmes/Sesame Workshop
Autores/ Direção: João Amorim/ Angshuman Ghosh
Roteiro (Responsável/ eis): Embarcação Cultural
Edição: Luís Felipe Brewer
Gênero do vídeo: Campanha de Utilidade Pública
Público-alvo: Crianças e seus Cuidadores



Sinopse: Elmo está com um mata-moscas tentando se proteger dos mosquitos; Raya ensina uma maneira mais eficaz de se proteger das picadas do mosquito causador do Zika. Lembre-se: se o mosquito não pica, tchau Zika!